

Literatura infantil e temas difíceis: mediação e recepção

Lúcia Maria Barros

Fernando Azevedo

77

Resumo

Os temas difíceis, ou fraturantes, têm presença cada vez mais assídua na literatura para a infância publicada em Portugal. Essas temáticas integram as tendências contemporâneas, sobretudo, pela forma como são tratadas, pelos gêneros editoriais a que vão dando corpo (entre os quais se destaca o álbum) e pela vontade (e necessidade) de que delas se aproxime o seu destinatário preferencial. As realidades sociais em que vivemos hoje tornam esses temas emergentes, requerendo que eles sejam tratados com a seriedade e a dignidade necessárias à sua compreensão e à consequente compreensão da realidade. Analisa-se um pequeno *corpus* literário de potencial recepção leitora infantil, sobre guerra, morte e *bullying*. Servindo o propósito do questionamento e da reflexão sobre assuntos dos quais o adulto tende a afastar a criança, são apresentadas sugestões de abordagem às obras em contexto familiar. O envolvimento de pais e crianças de 7-8 anos na exploração dos textos, a diversidade de abordagens e os produtos daí resultantes são reveladores do potencial que a atual literatura para a infância encerra, não apenas na missão de formar leitores de livros, mas, sobretudo, leitores do mundo e cidadãos felizes.

Palavras-chave: leitura; literatura infantil; Portugal.

Abstract

Children's literature and disruptive themes: mediation and reception

The disruptive (or fracturing) themes are increasingly present in children's literature published in Portugal. These themes are part of contemporary trends, especially because of how they are developed in particular literary genres (among which the picture book stands out) and because there is a will (and necessity) to move closer to their target audience. The themes have become recurrent due to the social realities in which we live today, requiring them to be approached with the seriousness and dignity necessary for their understanding and consequent comprehension of reality. This article analyzes a small literary corpus with probable children's reading reception on war, death and bullying. Serving the purpose of questioning and reflecting on subjects from which adults tend to alienate their children, we present suggestions for approaching these works in the family context. The involvement of parents and 7/8-year-olds in exploring these texts, the diversity of approaches and the results from this combination reveal the potential that contemporary children's literature has, not only on its mission for the formation of book readers, but most of all, of readers of the world and cheerful citizens.

Keywords: reading; children's literature; Portugal.

78

Resumen

Literatura infantil y temas difíciles: mediación y recepción

Los temas difíciles o fracturantes tienen presencia cada vez más asidua en la literatura para la infancia publicada en Portugal. Esas temáticas conforman las tendencias contemporáneas, principalmente, por la manera como son tratadas, por los géneros editoriales que van conformando (entre ellos se destaca el álbum ilustrado) y por la voluntad (y necesidad) de que de ellas se aproxime su destinatario preferencial. Las realidades sociales en que vivimos hoy convierten esos temas emergentes, requiriendo que ellos sean tratados con la seriedad y la dignidad necesarias para su comprensión y a la consecuente comprensión de la realidad. Se analiza un pequeño corpus literario de potencial recepción lectora infantil, sobre guerra, muerte y bullying. Sirviendo al propósito del cuestionamiento y de la reflexión sobre temas de los cuales el adulto tiende a alejar al niño, son presentadas sugerencias de abordaje a las obras en un contexto familiar. El involucramiento de padres e hijos de 7-8 años en la exploración de los textos, la diversidad de abordajes y los productos que resultan revelan el potencial que la actual literatura posee para la infancia, no solamente en la misión de formar lectores de libros, pero, principalmente, lectores del mundo y ciudadanos felices.

Palabras clave: lectura; literatura infantil; Portugal.

Introdução

Os temas difíceis vêm marcando presença na literatura para a infância publicada em Portugal nos últimos anos. Estes temas de cariz apoiético, como lhes chamou Ana Margarida Ramos (2007, 2012), integram questões como “a guerra e a violência, o sofrimento e a morte ou a sexualidade, episódios históricos controversos e questões políticas” (Ramos, 2012, p. 34), entre outras, e servem essencialmente o propósito do questionamento e da reflexão sobre assuntos dos quais o adulto, usualmente, e em nome de intuítos de proteção, tende a afastar a criança. Esta temática tem sido objeto de análise em estudos de literatura infantil por pesquisadores como Lesnik-Oberstein (1994), McDaniel (2001), Lampert e Walsh (2010), Bastos e Tomé (2011), Debus (2012), Mendes (2013), Azevedo, Balça e Selfa (2017) ou Rubim e Silva (2017).

Com o objetivo de melhor compreender o tratamento que a literatura infantil faz dos temas difíceis, identificaremos um leque de obras cuja tónica se centra em questões ligadas à guerra, à morte e ao *bullying*, e deter-nos-emos em quatro títulos ilustrativos, para uma análise mais aprofundada.

Pela relevância de tais questões na formação de leitores do mundo e de cidadãos empenhados em cultivar valores humanistas e positivos, o artigo inclui uma análise reflexiva sobre a leitura partilhada dessas obras entre pais e crianças, análise que tem por base o recorte de um estudo de caso desenvolvido, ao longo de um ano, com um grupo de pais de crianças de 7-8 anos, numa escola do norte de Portugal.

Panorâmica do tratamento dado ao tema na literatura para a infância publicada em Portugal

A guerra

Na literatura infantil portuguesa, “não abundam as ficções para a infância que tematizam a guerra” (Gomes, 2010, p. 34). O *corpus* textual é reduzido e encontra eco num dos principais conflitos bélicos em que Portugal se viu envolvido: a guerra colonial (Ramos, 2015). Um conjunto mais significativo de obras, algumas de índole comemorativa, alusivo à efeméride do 25 de abril, que marca o fim da referida guerra e, simultaneamente, do regime ditatorial, acaba, de igual modo, por convocar, ainda que de forma implícita, o tema: a tónica, nestes registos, é, todavia, colocada na conquista da liberdade.

Luísa Ducla Soares (1973) inaugurou o tema com a emblemática obra *O soldado João*, um texto que conheceu a sua última edição em 2015, nunca tendo, portanto, perdido atualidade. Efetivamente, o humor e a ironia, a que a autora recorre no tratamento do tema, tornam (qualquer) conflito ridículo aos olhos do leitor, obrigando-o a questionar-se sobre a (in)utilidade da guerra, visão que ecoa também

na obra poética da autora, por exemplo em “Heróis”, poema que integra a coletânea *Conto estrelas em ti* (Gomes, 2000), ou em “Mina”, texto poético publicado na coletânea *A cavalo no tempo* (Soares, [2003]¹ 2016).

De alusões a um conflito bélico que envolveu israelitas e palestinos em 2014, nasce o álbum português de Ana Biscaia e João Pedro Mésseder (2014), *Que luz estarias a ler?* Um álbum onde as cores contam o lado triste do mundo em que vivemos, “um conto sobre a importância da memória, dos livros e da amizade, mas também sobre a guerra e sobre as quinhentas e muitas crianças palestinas mortas pelo exército de Israel em Gaza, nos meses de julho e agosto de 2014”, como refere o seu autor textual (Mésseder, 2015, p. 146). Azevedo, Balça e Selfa (2017, p. 1144) analisaram aprofundadamente a obra e concluíram que ela potencia “interpretações suscetíveis de nos ajudarem a pensar o lugar que cada um tem e pode desempenhar numa sociedade globalizada, onde os ideais da Paz, da Fraternidade, do Amor e do Respeito pelo Próximo têm forçosamente de marcar presença”.

Numa perspectiva de combate ao silenciamento de acontecimentos atrozos como o holocausto, ou, mais recentemente, o drama dos refugiados, tem-se verificado um aumento de títulos traduzidos, no panorama editorial português. Em relação ao primeiro tema, às emblemáticas obras *Fumo* (Fortes, 2008) e *História de Erika* (Zee, 2007), juntou-se recentemente o álbum *Rosa Branca*, de Roberto Innocenti (2018). Já a questão dos refugiados presentificou-se em duas publicações do mesmo ano, que se assemelham no tratamento dado ao tema: *A viagem* (Sanna, 2018) e *Uma longa viagem* (Chambers, 2018), que se vêm juntar ao álbum sem texto *Migrando* (Mateos, 2010).

A alusão à guerra de forma não circunstanciada tende igualmente a ganhar expressão. O álbum *A guerra* (Letria, 2018), no que à produção portuguesa diz respeito, e *O princípio* (Carballeira, 2012), álbum traduzido, são exemplos de um tratamento mais global do tema, e, por isso, generalizável a qualquer conflito.

Para demonstrar o tratamento desta temática, escolhemos o álbum narrativo, de Paula Carballeira (2012) e ilustrado por Sonja Danowski, intitulado *O princípio*.

A capa, de tonalidade cinza/sépie, encontra-se preenchida por recortes de cenários a indiciar destruição, e por elementos que nos remetem para o universo da infância, cenário que se vê continuado na contracapa, que apresenta uma família de pombas, que recolhe bagas e sementes do meio dos destroços. O destaque cromático oferecido a estes elementos constitui, a nosso ver, uma forma de interpelar o leitor no sentido de o despertar para a possibilidade de a cada fim se poder suceder um novo princípio.

No miolo da obra, e através de amplas ilustrações hiper-realistas, o leitor mergulha num cenário de devastação, preenchido pelos destroços deixados pela guerra. Ao longo do livro, ao mesmo tempo que vão sendo revelados os escombros, vão sendo apresentadas as personagens: a narrativa é contada na primeira pessoa por uma criança, que, vivendo o drama da destruição, encontra conforto no núcleo familiar, composto pelos pais e por uma irmã mais nova. As expressões dos membros

¹ O ano entre colchetes é o da primeira edição (Nota do Editor).

da família, apresentadas tristes e desoladas nas primeiras páginas, vão dando lugar a semblantes menos sombrios à medida que vão sendo encontradas pequenas soluções para os grandes problemas deixados pela guerra, como o facto de ficar sem casa, sem roupa, sem luz elétrica e até sem comida.

É, com efeito, da voz da mãe que o narrador vai ouvir “– não importa (...) temos um carro” [...] “E então viver era viajar” (Carballeira, 2012). Pelo pai, vai ficar a saber que ter menos roupa implica ter menos trabalho para lavar e mais tempo para aproveitar o que a natureza oferece gratuitamente: o rio, o sol e o tempo para estar juntos, informações que são partilhadas num diálogo entre texto verbal e icónico, cuja complementaridade oferece ao leitor uma visão muito nítida, quer da devastação provocada pela guerra, quer da capacidade de resiliência do ser humano, quer ainda da importância da união e dos afetos na superação de dificuldades.

Depois da família, e embora caminhando ainda “entre os vidros e as cinzas”, a esperança vai vislumbrar-se através dos vitrais da biblioteca e encontrar eco numa criança que “começou a brincar”, e numa outra que “soltou uma gargalhada” (Carballeira, 2012), à qual se seguiram outras. E a alegria começa, então, a encontrar espaço para se instalar: um velho cozinheiro que fala de receitas que matam a fome, e que o pequeno leitor, induzido pela ilustração, reconhece como o contador de histórias, descobrindo nas palavras o alimento para o espírito, a força interior necessária para (re)começar, para o “princípio de algo”, que a comunidade devastada descobre, em clima de festa, no final da narrativa: “Estávamos vivos. Foi como uma festa” (Carballeira, 2012).

O princípio: da mediação à recepção

Das estratégias de abordagem a esta obra, em contexto familiar, destacamos a análise dos elementos paratextuais, o estabelecimento de relações com a atualidade social do momento, a identificação com o Outro e a aproximação ao quotidiano da família.

As antecipações ao conteúdo da obra surgiram da observação da capa, da contracapa e das guardas, tendo por base os elementos que sobressaíam: os sapatos velhos, a bola, e a “seriedade” das ilustrações. Em alguns casos, foram referidos jogos de futebol no quintal, numa determinada época do ano (outono); noutros, uma espécie de “choque” pelo tipo de ilustração, levando a questionar se se trataria de uma história verdadeira (no sentido de verídica).

A maioria dos participantes referiu o hiper-realismo das ilustrações como mote para refletir e estabelecer paralelismos com alguns dramas humanos do momento, como as travessias / naufrágios no mediterrâneo, os atentados em Paris, o terrorismo islâmico, o facto de haver guerras que duram há muito tempo (por exemplo, entre as Coreias), e, curiosamente, as guerras que vão acontecendo diariamente nos ambientes das crianças: as zangas na escola, as discussões com os pais ou com os irmãos... o que pode levar a concluir, nalguns casos, que a origem das guerras (grandes ou pequenas) é, muitas vezes, semelhante.

A nível de conteúdo temático, o destaque foi para a importância da união da família, tendo sido referido que só assim era, de facto, possível, num cenário tão triste, sobreviver e encontrar motivos para a alegria e para a esperança.

A possibilidade de se colocar no lugar do Outro foi outra das reflexões emergentes dessa leitura: “E se fosse eu?”, questão geradora de diferentes respostas ao texto. Com efeito, de acordo com os hábitos e experiências de cada família, os produtos diversificaram-se. Destacamos, a este propósito, a adaptação de uma receita culinária, em que os ingredientes tradicionais são substituídos por gestos de afeto conducentes a um estado de alegria, “a receita do aconchego: 500g de sorrisos, 300g de aconchego, 200g de carinho, 100g de amor, 100g de felicidade, 1 l de abraços bem quentinhos, 1 c de cores do arco-íris, 1 pitada de gargalhadas, e raspas de chocolate *qb* para enfeitar”

Foi ainda sob a perspectiva da identificação, e tomando como ponto de viragem, na obra, o momento em que “um dia alguém começou a brincar” (Carballeira, 2012), que surgiram experiências interessantes relacionadas com o ato de “brincar sem brinquedos” (sugestão que havia sido apresentada aos pais).

Algumas famílias construíram “caixas de reservas de brincadeiras”, recorrendo a memórias de jogos de infância (jogo do saco, escondidas, apanhada, estica, jogo do pau, jogo do galo, macaca, futebol sem bola, batalha naval em papel, etc); outras reuniram objetos de desperdício, como bocados de corda ou pedaços de cerâmica como referência ao saltar à corda, ao jogo do elástico, ao jogo da “meca”, ao galo, à pedrinha ou ao pião. A construção das caixas foi ainda pretexto para experimentar alguns dos jogos evocados.

A morte

Outro dos temas difíceis ou fraturantes é a morte. Integrado num contexto de guerra, o tema acaba por ser trivializado. Quando, porém, se afigura como algo real e tangível, associado ao quotidiano e ligado às pessoas que nos são queridas, o tema da morte afigura-se tabu. É sobre este lado real e emocional da morte, do qual tendemos hoje a afastar os mais novos, que nos ocuparemos.

A atual produção literária portuguesa para a infância tende, por um lado, a tratar o tema da morte sob uma perspectiva de aceitação: aceitar que fazemos parte de um todo, de um ciclo em que a morte tem o seu lugar e um papel a cumprir, o de renovação. Paralelamente, parece também cumprir uma função catártica, que passa pela familiarização com o assunto, pela identificação com a dor da perda sentida pelo Outro. Por outro lado, o tratamento dessa temática parece seguir uma via de questionamento sobre a vida: porque desconhecemos o que se passa depois da morte, a tónica é colocada na questão o que fazemos com a vida?

Em Portugal, esse tema encontra particular eco na obra de Álvaro Magalhães, cuja tónica parece residir nas questões “da vida, da morte e da vivência do tempo” (Silva, 2010, p. 254). Textos como *Três histórias de amor* (Magalhães, 2003), *Um*

problema muito enorme (Magalhães, 2008), e *O senhor Pina* (Magalhães, 2013), para além de um conjunto de poemas dispersos por coletâneas como *O brincador* (Magalhães, 2005) e *Poesia-me!* (Magalhães, 2016), constituem bons exemplos da tematização que o autor faz da morte sob uma perspectiva de busca do significado da existência.

Para exemplificar essa temática, socorremo-nos de dois álbuns, com perspectivas diferentes: *Gato procura-se*, de Ana Saldanha (2015) com ilustrações de Yara Kono, e *Para onde vamos quando desaparecemos?*, de Isabel Minhós Martins ([2011] 2014), ilustrado por Madalena Matoso.

Gato procura-se coloca a tónica na perda do animal de estimação, por uma criança, que busca, junto do seu círculo familiar, respostas, não propriamente sobre o desaparecimento do gato (cujo motivo a criança conhece à partida), mas antes sobre o modo como cada adulto tenta contornar esta questão difícil junto dos mais novos. O claro predomínio de texto icónico sobre texto verbal e a abundância de espaços em branco parecem representar o vazio, a ausência, a perda, convidando o leitor a acompanhar a viagem (e talvez o caminho do luto e da aceitação) do pequeno narrador.

A importância que o animal de estimação tinha na vida da criança é dada a ler logo através dos principais elementos paratextuais: a figura do gato, a preto sobre fundo branco, inicia-se na capa e prolonga-se pela contracapa, ultrapassando as margens de uma e de outra. O título aparece em caracteres maiúsculos a lembrar as letras desenhadas com recurso ao escantilhão,² sugerindo a autoria do discurso (narrador infantil). Na contracapa, no corpo do gato, o refrão que ao longo da narrativa será repetido de cada vez que alguém avança uma explicação para o desaparecimento do gato: “o meu gato desapareceu” (Saldanha, 2015). As guardas apresentam um padrão quadriculado dourado que veremos repetido quase no final da obra, revelando o pavimento de um passeio pedonal,³ como que a sugerir continuidade, integrando o tema na normalidade do quotidiano: a vida continua.

Cada dupla página apresenta alternadamente um elemento ligado às vivências domésticas do gato (novelo, rato...), acompanhado do estribilho “o meu gato desapareceu”, e uma explicação sobre o desaparecimento do gato emitida pelos diferentes membros da família do narrador. À medida que o texto avança e que a esperança de encontrar o gato diminui, as explicações vão-se aproximando do desfecho “real” da narrativa.

Desta obra, emerge o tema difícil da morte, num registo que tem como destinatário preferencial a criança, com “piscadelas de olho” constantes ao adulto, num convite à reflexão sobre a forma como, por vezes, tende a ocultar determinadas realidades dos mais novos.

Para onde vamos quando desaparecemos?, escrito por Isabel Minhós Martins ([2011] 2014), aborda o tema da morte sob uma perspectiva distinta. Com o foco implicitamente direcionado para a morte das pessoas, a questão é ampliada de modo a poder ser integrada num todo, numa espécie de visão cosmogónica da existência.

² Normógrafo vazado, no Brasil (Nota do Editor).

³ No Brasil, “calçadão” é o nome dado à área pavimentada destinada a pedestres (Nota do Editor).

A preencher a capa da obra encontra-se, em grande destaque, o título-questão – *Para onde vamos quando desaparecemos?* Sob este título, um fundo azul pontuado por alguns recortes de nuvens, a sugerir o horizonte, e uma cadeia montanhosa representada a vermelho, constituem o cenário que se prolonga para a contracapa. Enquanto que o azul do céu nos remete para a resposta mais usual à questão, o vermelho das montanhas incorpora o estranhamento, o ingrediente que, a par do segmento textual escolhido para a contracapa, vai servir o anzol da curiosidade, para que o leitor, apesar do lado inevitavelmente sombrio da questão, não receie explorar as possibilidades de resposta à “grande pergunta que dá título a este livro” (Martins, [2011] 2014, contracapa).

As guardas iniciais, preenchidas com uma composição semi-abstrata, apresentam, a preto, uma linha que sugere uma estrada que, tendo nascido larga, se vai tornando mais estreita ao passar para a página seguinte. Podemos, por analogia, associar este elemento à linha / estrada da vida, uma vez que a mesma atravessa todas as páginas da obra, sendo ora larga ou estreita, ora reta ou sinuosa, com cruzamentos e desvios, ora visível ou escondida, acompanhando o leitor até às guardas finais, onde várias leituras são possíveis.

Tratando-se de um álbum, assistimos ao predomínio de texto icónico sobre texto verbal. No entanto, esta componente avoluma-se significativamente, dando lugar a segmentos textuais extensos, com vários parêntesis, contendo explicações ora de carácter mais filosófico, ora mais científico. Com efeito, uma pergunta com tão elevada carga de mistério obriga a várias reflexões, e, por conseguinte, a várias possibilidades de resposta. A componente pictórica consegue, ainda assim, ampliar, substancialmente, o leque de opções e de leituras, das quais destacamos a aproximação ao universo infantil e as possibilidades de preenchimento e atribuição de sentido à existência.

*Gato procura-se e Para onde vamos quando desaparecemos?:
da mediação à recepção*

A leitura destas obras em ambiente familiar teve por base estratégias assentes na importância da preservação da memória, corporizadas na recolha de histórias de vida familiar ou local.

A maioria das crianças envolvidas não havia ainda passado por experiências de perda próxima, motivo que terá levado, por um lado, a alguma resistência, por parte dos pais, à abordagem dos textos, sobretudo ao álbum *Para onde vamos quando desaparecemos?*, e, por outro, a certa dificuldade em compreender o desfecho de *Gato procura-se*, pois alguns dos participantes referiram a necessidade de voltar à obra para que a criança entendesse, efetivamente, que a personagem gato tinha morrido.

De um modo geral, notou-se que o tema é de mais difícil abordagem para o adulto do que para a criança, que parece, à semelhança da narradora, encarar o facto com alguma naturalidade. De acordo com os participantes, a leitura de *Gato*

procura-se conduziu à reflexão sobre a vida e o seu caráter de impermanência (tudo o que nasce, morre), tendo resultado na valorização do presente como “um presente”.

O facto de a maioria das crianças ter (ou ter tido) um animal de estimação facilitou a identificação. A partir da leitura foram construídos diferentes registos de memórias: um álbum para um cão que já tinha morrido e outro para um que ainda vivia, e um poema para um gato recentemente chegado à família. Nos trabalhos produzidos, destacamos o facto de a criança conservar e/ou querer registar essencialmente memórias boas, ligadas quer à afetividade, quer às “transgressões” praticadas pelos seus amigos animais.

A alusão às “sete vidas do gato” na obra de Ana Saldanha (2015) foi propícia à recolha de provérbios e expressões populares ligadas ao gato, um aporte significativo no que respeita à perpetuação do património popular e etnográfico.

Em relação ao álbum *Para onde vamos quando desaparecemos?*, os pais que o ousaram explorar conseguiram promover algumas reflexões e partilhar inquietações. À questão que dá corpo ao título, as crianças responderam que, se era para sempre, “iríamos para o céu”. Sobre esse “lugar”, contudo, não tinham opinião. A criança que havia perdido um avô e um cão referiu que “no céu seríamos estrelas”. Alguns elementos recorreram a fotografias dos seus antepassados (bisavós e trisavós) e partilharam algumas histórias de que se recordavam ou que lhes haviam sido contadas, integrando, assim, estes membros da família que já haviam “desaparecido” no *repositório* de memória coletiva da família, o local de onde não precisariam de desaparecer.

Parece-nos que o trabalho realizado em torno das obras que versam sobre esta delicada questão contribuiu para um progressivo desvelamento da mesma. Com efeito, ao mesmo tempo que é combatida a banalização do assunto, é criado o contexto para a sua gradual interiorização, e ainda é deixado espaço para o mistério e para o questionamento. Os efeitos do contacto com textos literários não se revelam, na sua maioria, no imediato, o que nos leva a crer que estes textos, embora alvo de uma abordagem mais comedida, a seu tempo revelarão os seus benefícios.

O bullying

As questões ligadas à diferença e à discriminação daí decorrentes, são, na literatura para a infância, aquelas que, em nosso entender, melhor explicitam a problemática do *bullying*, que pode assumir diferentes contornos. Tendo em conta os limites deste artigo, aquele sobre o qual incidiremos é o que se prende mais diretamente com a questão da troça.

Ao nível da produção portuguesa, destacamos a emblemática obra de António Mota ([1985] 2016), *O grilo verde*, um trabalho marcado pela discriminação de que é alvo o protagonista pelo facto de possuir cor e voz diferentes dos seus companheiros de horta. Já Luísa Ducla Soares (2006) em “O Primeiro Natal em Portugal”, conto que integra a coletânea *Há sempre uma estrela no Natal*, apresenta Irina, uma criança ucraniana, que, pelo facto de não dominar a língua do país que a acolhe, é alvo de discriminação e troça.

Uma abordagem diferente pode ser encontrada em trabalhos de Isabel Minhós Martins, como *O meu vizinho é um cão* (Martins, 2008b) e *És mesmo tu?* (Martins, 2008a). Essencialmente através do humor, que se traduz numa refinada crítica social no primeiro título e num hilariante jogo de alcunhas, que permitem reconhecer as personagens, no segundo, a autora lança sobre esta questão uma visão desconcertante.

Na categoria de álbum traduzido, um dos trabalhos mais representativos no tratamento da questão do *bullying* é a obra *Orelhas de borboleta*, de Luísa Aguilár ([2008], 2011), ilustrada por André Neves, que analisaremos com mais detalhe no âmbito deste tema.

Com a tónica colocada na “questão do preconceito e da discriminação, entre outros, de aspetos socioeconómicos” (Azevedo, 2011, p. 47), ela “retrata, com particular expressividade, a intolerância que, às vezes, caracteriza o comportamento infantil, conduzindo a problemas de integração” (Ramos, [s.d.]). Todavia, a forma como o tema é tratado, através do percurso evolutivo da personagem alvo de discriminação, Mara, permite ao leitor apropriar-se da força e do poder transformador das palavras, no que à valorização da diferença e construção da personalidade diz respeito.

A capa apresenta um grande plano da protagonista, onde são destacados o cabelo e o rosto, cuja expressão, associada ao cruzar das mãos, deixa antever alguma angústia e solidão. O título, ao fazer referência às “orelhas”, conduz o olhar do leitor para esta parte do corpo da menina, mecanismo propício à interrogação e à antecipação de informação, potenciadas pelo cenário que envolve Mara: um padrão florido a sugerir um jardim, do qual brotam flores e onde uma borboleta parece segredar algo à criança.

E é do alto que, efetivamente, começa a leitura, prometendo um desfecho positivo para a narrativa. As guardas, pintadas em tons de azul, a sugerir o horizonte, encontram-se pontuadas com borboletas que perseguem a menina que levantou voo do banco onde provavelmente se encontrava sentada, e da qual já só se vislumbra a parte inferior do corpo em movimento ascendente, a empurrar o leitor para a sua história, e a convidá-lo para voar consigo. Cá em baixo, ficou o banco vazio, um elemento que, ao longo da obra, vai servindo diferentes objetivos. Nas guardas iniciais, parece ter sido reservado para o leitor ocupar o seu espaço na obra.

O problema é apresentado logo na primeira dupla página do miolo onde um grupo de crianças, bastante diferentes entre si, pela cor da pele, pelo tipo de cabelo, pelo uso de acessórios como óculos, hostilizam Mara, a protagonista, dirigindo-lhe, em tom de troça, o insulto “A Mara é orelhuda!” (Aguilár, [2008] 2011), comportamento que provoca na vítima admiração, desolação e tristeza, emoções dadas a conhecer ao leitor pela expressividade e exuberância da ilustração de André Neves. É nas duas duplas páginas que se seguem que, com o auxílio da mãe, a protagonista vai aprender, através da força das palavras, a transformar cada insulto numa particularidade positiva que a distingue do grupo de crianças que a persegue e critica. As relações familiares assentes numa base de comunicação e proximidade entre adultos e crianças a respeito das atitudes perante a vida (Hoster Cabo; Ruiz Campos, 2013, p. 85), neste caso corporizadas pela relação mãe e filha, revelam-se, com efeito, cruciais

na superação da rejeição e na construção da autoestima, no percurso desta personagem.

O grupo de crianças, que persegue e insulta Mara, apresenta entre si características muito díspares, que, em contextos do mundo empírico estão comumente na origem de várias formas de *bullying*. A autora, porém, toca um aspecto diferente: Mara é discriminada devido à sua condição socioeconômica, que se afigura menos favorecida do que a das restantes crianças. Esta situação vai sendo revelada ora pelas ilustrações relativas aos diferentes espaços habitacionais, ora pela alusão ao vestuário roto e velho de Mara, ora pela ausência de objetos que se reportam ao universo escolar, como a mochila ou a carteira, ou, de forma mais evidente, à fome “A Mara tem as tripas a fazer barulho” (Aguilar, [2008] 2011). O motivo de discriminação escolhido pela autora parece, a nosso ver, muito ajustado ao público-alvo infantil da sociedade (ocidental) em que vivemos, onde as desigualdades socioeconômicas são, de facto, uma realidade com a qual a criança convive todos os dias.

Nesta obra, a protagonista aprende a arte de se defender com a palavra poética conseguindo mostrar, ao longo do seu percurso na narrativa, que a grandeza não está nos pertences materiais, que aliás lhe roubariam muito da liberdade de que usufrui. Efetivamente, enquanto a menina corre veloz e livre num plano superior, os seus colegas ficam presos ao chão debaixo do peso das mochilas e carteiras que carregam, uma imagem onde André Neves conseguiu representar muito bem, quase a roçar o ridículo, as consequências do apego material.

Orelhas de borboleta: da mediação à recepção

A leitura partilhada desta obra, entre pais e filhos, fez sobressair, por um lado, a componente jogo que emana do texto, e por outro, as questões de identificação. A exuberância da ilustração, o tema tratado, com o qual a totalidade dos pequenos leitores se identificou, e a expressividade que os pais conferiram à leitura, parecem ter sido os elementos responsáveis por terem feito as crianças regressarem ao livro várias vezes.

Efetivamente, todos os participantes referiram que a obra propiciou o diálogo e a reflexão sobre as situações e os motivos de troça. Desde o questionamento sobre se os filhos já haviam sido alvo de troça, e do motivo que esteve na origem desse comportamento, passando pelo alargamento da questão aos colegas da turma e da escola, até às atitudes / reações que por norma têm lugar mediante tal comportamento, as conversas foram ricas e, em alguns casos, surpreendentes para os próprios pais.

Os motivos de troça referidos pelas crianças prendiam-se essencialmente ao vestuário, com as dificuldades de aprendizagem ou atraso na realização de trabalhos, com a letra e com alguns apelidos. De acordo com os testemunhos dos participantes, o diálogo sobre este assunto, que assumiu uma certa seriedade, levou os pais a terem uma maior percepção da realidade escolar dos próprios filhos e daquilo que por vezes os angustiava, tendo, deste modo, contribuído para um acompanhamento

mais assíduo das emoções experimentadas pelos filhos, e de uma atuação mais assertiva.

Por outro lado, e sob o ponto de vista mais humorístico do assunto, a leitura da obra permitiu explorar, através do relato de vivências dos próprios pais, a capacidade de “nos rirmos de nós próprios”, enquanto ferramenta para enfrentar situações aparentemente menos agradáveis.

A abordagem a este álbum proporcionou ainda outras descobertas interessantes, como a busca das origens das alcunhas da própria família, sobre as quais nunca havia existido qualquer conversa, até à recolha de alcunhas nas localidades de cada um, tarefa que se reveste de grande riqueza patrimonial e etnográfica.

A criação de textos ao jeito do discurso presente na obra foi outro dos produtos que nos pareceu relevante, como aconteceu com uma família que explorou características de personagens da Disney: “O Pinóquio é narigudo!... / – Não, não... tem um nariz que sente os cheiros a quilómetros de distância”; “O Dumbo é orelhudo!... / – Não, não... tem apenas umas orelhas “leque” que o refrescam no verão!”, uma resposta ao texto reveladora do potencial afetivo e literário do álbum.

Conclusões

A exploração deste conjunto de obras revelou-se muito proveitosa, o que vem, por um lado, enfatizar a importância da crescente aposta na publicação de obras dentro destas temáticas, e, por outro, reforçar a necessidade de desenvolver trabalho de mediação junto da família.

Com efeito, a diversidade de estratégias sugeridas parece ter contribuído não apenas para o êxito da leitura dos temas difíceis na literatura infantil, mas também para o aumento de práticas de literacia familiar envolvendo o livro.

Assim, salienta-se a predileção pelas obras *O princípio* e *Orelhas de borboleta*. Em relação às obras que versavam sobre a temática da morte, embora não se tenha verificado uma fuga explícita ao tema, foram exploradas de acordo com as vivências e capacidade emocional de cada família para abordar o assunto.

Ao nível das práticas de literacia familiar que têm por base o livro, destacam-se a criação de textos, de artefactos 3D, o cruzamento de saberes curriculares com experiências “artísticas”, o conhecimento e/ou aprofundamento de tradições, o alargamento do repertório de textos populares. Um conjunto de experiências que, para além de contribuírem para que a leitura se assuma como um valor de família (Willingham, 2016), tem também implicações ao nível da articulação escola-família.

A ligação dos temas tratados nos textos literários à vida de cada família é outro dos aspetos que sobressai do trabalho levado a efeito. Destacamos a riqueza da partilha de histórias de vida das diferentes gerações (e até da comunidade), e o conseqüente conhecimento mais aprofundado dos elementos do agregado familiar entre si, gerados a partir da leitura partilhada. A própria qualidade do tempo passado entre pais e filhos parece subentender-se no testemunho dos participantes como conseqüência da concretização de algumas das sugestões fornecidas.

Referências bibliográficas

AGUILAR, L. *Orelhas de borboleta*. Ilustrações de André Neves. Tradução Elisabete Ramos. Matosinhos, Portugal: Kalandraka, [2008] 2011. Título original: *Orelhas de mariposa*.

AZEVEDO, F. Palavras e imagens que permitem interrogar o mundo. In: AZEVEDO, F. et al. (Coord.). *Globalização na literatura infantil: vozes, rostos e imagens*. Raleigh: Lulu, 2011. p. 45-54.

AZEVEDO, F.; BALÇA, Â.; SELFA, M. S. Os conflitos bélicos e a criança na literatura infantil. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 35, n. 4, p. 1141-1156, out./dez. 2017.

BASTOS, G.; TOMÉ, M. C. Rostos de Narciso?: representações da homossexualidade na literatura infantojuvenil portuguesa. In: AZEVEDO, F. et al. (Coord.). *Globalização na literatura infantil: vozes, rostos e imagens*. Raleigh: Lulu, 2011. p. 127-148.

CARBALLEIRA, P. C. *O princípio*. Ilustrações de Sonja Danowski. Tradução de Elisabete Ramos. Matosinhos, Portugal: Kalandraka, 2012.

CHAMBERS, D. H. *Uma longa viagem*. Ilustrações de Federico Delicado. Matosinhos, Portugal: Kalandraka, 2018.

DEBUS, E. S. D. A escravização africana na literatura infanto-juvenil: lendo dois títulos. *Currículo sem Fronteiras*, [s.l.] v. 12, n. 1, p. 141-156, jan./abr. 2012.

FORTES, A. *Fumo*. Ilustrações de Joanna Concejo. Tradução Dora Batalim Sottomayor. Pontevedra: Oqo, 2008.

GOMES, J. A. *Conto estrelas em ti: 17 poetas escrevem para a infância*. Ilustrações de João Caetano. Porto: Campo das Letras, 2000.

GOMES, J. A. A paz e a guerra: factos e ficções. *Malasartes: Cadernos de Literatura para a Infância e Juventude*, Porto, n. 20, p. 34-37, 2010.

HOSTER CABO, B.; RUIZ CAMPOS, A. M. Valores en la literatura infantil actual. In: ALVAREZ LEDO, S.; FERREIRA BOO, C.; NEIRA RODRÍGUEZ, M. (Ed.). *De la literatura infantil a la promoción de la lectura*. Madrid: CEU, 2013. p. 68-91.

INNOCENTI, R. *Rosa branca*. Matosinhos, Portugal: Kalandraka, 2018.

LAMPERT, J.; WALSH, K. 'Keep telling them until someone listens': understanding prevention concepts in children's picture books dealing with child sexual abuse. *Children's Literature in Education*, [s.l.], v. 41, n. 2, p. 146-167, June 2010.

LESNIK-OBERSTEIN, K. *Children's literature: criticism and the fictional child*. Oxford: Clarendon Press, 1994.

LETRIA, J. J. *A guerra*. Ilustrações de André Letria. Lisboa: Pato Lógico, 2018.

MAGALHÃES, A. *Três histórias de amor*. Ilustrações de António Modesto. Porto: Asa, 2003.

MAGALHÃES, A. *O brincador*. Ilustrações de José de Guimarães. Porto: Asa, 2005.

MAGALHÃES, A. *Um problema muito enorme: novíssimos contos da mata dos medos*. Ilustrações de Cristina Valadas. Alfragide: Texto, 2008.

MAGALHÃES, A. *O senhor pina*. Ilustrações de Luiz Darocha. Porto: Assírio & Alvim, 2013.

MAGALHÃES, A. *Poesia-me!* Ilustrações de Cristina Valadas. Porto: Asa, 2016.

MARTINS, I. M. *És mesmo tu?* Ilustrações de Bernardo Carvalho. Oeiras: Planeta Tangerina, 2008a.

MARTINS, I. M. *O meu vizinho é um cão*. Ilustrações de Madalena Matoso. Oeiras: Planeta Tangerina, 2008b.

MARTINS, I. M. *Para onde vamos quando desaparecemos?* Ilustrações de Madalena Matoso. Carcavelos: Planeta Tangerina, [2011] 2014.

MATEOS, M. C. *Migrando*. Lisboa: Orfeu Negro, 2010.

MCDANIEL, C. Children's literature as prevention of child sexual abuse. *Children's Literature in Education*, v. 32, n. 3, p. 203-224, Sept. 2001.

MENDES, T. L. F. A morte dos avós na literatura infantil: análise de três álbuns ilustrados. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1113-1127, out./dez. 2013.

MÉSSSEDER, J. P. *Que luz estarias a ler?* Ilustrações de Ana Biscaia. [Coimbra: Xerefe Edições], 2014.

MÉSSSEDER, J. P. Uma casa faz-se por dentro. In: SILVA, S. R.; RIBEIRO, J. M. (Org.). *A escrita para a infância de João Pedro Mésseder ou como trocar as voltas ao silêncio*. Porto: Tropelias & Companhia, 2015. p. 135-148.

MOTA, A. *O grilo verde*. Ilustrações de Elsa Navarro. Porto: Asa, [1985] 2016.

RAMOS, A. M. *Casa da leitura: ficha*. [S.d.]. Disponível em: <http://www.casadaleitura.org/portalbeta/bo/portal.pl?pag=sol_lm_fichaLivro&id=1295>. Acesso em: 5 maio 2017.

RAMOS, A. M. (Org.). *Dia internacional do livro infantil e Hans Christian Andersen*. Lisboa: Casa da Leitura, 2007.

RAMOS, A. M. *Tendências contemporâneas da literatura portuguesa para a infância e juventude*. Porto: Tropelias & Companhia, 2012.

RAMOS, A. M. Contornando o silêncio: a guerra colonial na LIJ portuguesa. In: FERNANDEZ, M. et al. (Coords.). *De como a literatura para a infância e a juventude "é chamada à guerra": reflexões sobre os conflitos bélicos na Galiza e em Portugal*. Porto: Tropelias & Companhia, 2015. p. 95-106.

RUBIM, R. S. S.; SILVA, J. S. Literatura infantil e protocolos de leitura: uma análise de *Mamãe nunca me contou*, de Babette Cole. *Revista de Letras Norte@mentos*, Sinop, v. 10, n. 21, p. 196-210, jan./jun. 2017.

SALDANHA, A. *Gato procura-se*. Ilustrações de Yara Kono. Alfragide: Caminho, 2015.

SANNA, F. *A viagem*. Lisboa: Fábula, 2018.

SILVA, S. R. *Encontros e reencontros: estudos sobre literatura infantil e juvenil*. Porto: Tropelias & Companhia, 2010.

SOARES, L. D. *O soldado João*. Ilustrações de Zé Manel. Lisboa: Estúdios Cor, 1973.

SOARES, L. D. *Há sempre uma estrela no Natal*. Ilustrações de Fátima Afonso. Porto: Civilização, 2006.

SOARES, L. D. *A cavalo no tempo*. Porto: Porto Editora, [2003] 2016.

WILLINGHAM, D. T. *Educando niños lectores: lo que padres y maestros pueden hacer*. [S.l.]: Teell, 2016.

ZEE, R. V. *História de Erika*. Ilustração de Roberto Innocenti. Tradução de Alexandre Faria. Matosinhos, Portugal: Kalandraka, 2007.

Lúcia Maria Barros, doutora em Estudos da Criança, especialidade de Literatura para a Infância, pela Universidade do Minho (Braga, Portugal); docente de Literatura Infantojuvenil (departamento de Artes, Design e Humanidades) no ensino superior; professora bibliotecária e professora de francês no 3º ciclo do ensino básico; formadora de professores (Educação Literária, Formação de Leitores e Mediadores, Didáticas do Português, Literatura Infantil e Juvenil e Bibliotecas Escolares); autora e coordenadora do Programa Educação Literária na Família (ELF); investigadora (CIEC-IECUM).

luciamfrbarros@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-7373-7570>

Fernando Azevedo, doutor em Ciências da Literatura, é professor associado com agregação do Instituto de Educação da Universidade do Minho (Braga, Portugal), onde é o responsável pela regência de unidades curriculares de pós-graduação nas áreas da Literatura Infantil e Juvenil, Didática e Formação de Leitores. É diretor do curso de doutoramento em Estudos da Criança e membro do Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC), sendo o responsável pela linha de pesquisa “Produções Culturais para as Crianças”. Integra o Observatório de Literatura Infantojuvenil (OBLIJ) e a Rede Internacional de Universidades Leitoras (RIUL).

fraga@ie.uminho.pt

Recebido em 2 de abril de 2019

Aprovado em 26 de julho de 2019